

“A RESTRUTURAÇÃO DA BAÍA É UMA INEVITABILIDADE HISTÓRICA”

Indiferente às muitas críticas apontadas ao projecto, o arquitecto Toufa Real, em entrevista à *Africanidade Magazine*, considera que a reconstrução da baía é fundamental para a sobrevivência da capital luandense

Olhar para as raízes históricas, mas nunca cortar os ramos necessários para a construção do futuro. Troufa Real, arquitecto, angolano, e o último grande "esteta" do rosto da capital de Angola é um dos acérrimos defensores da reconstrução da Baía de Luanda, que classifica como "uma inevitabilidade histórica".

Em entrevista à *Africanidade Magazine*, o arquitecto reconhece que o projecto terá de auscultar as diferentes sensibilidades da população e enjeita que apenas responda a interesses estrangeiros. Admite que a nova península já não será construída e que o investimento jamais se ficará pelos anunciados 600 milhões de dólares. Nada demais, se tivermos em conta que só o luxuoso hotel previsto para a marginal, e que deverá contar com a sua assinatura, rondará os 270 milhões de dólares. A ideia será tornar Luanda num grande centro de negócios, com uma face bastante mais modernizada, ainda que respeitando a valores e culturas ancestrais.

Africanidade Magazine (AF) - Começemos por uma frase que intitula este artigo: "O que é que a Baía tem?" Qual a justificação histórica para este projecto perturbar tanto o povo luandense?



"O desenvolvimento Angolano precisa de reestruturações e criar novos centros de vida"

Troufa Real (TR) - A Baía é um ex-libris da história da cidade. Mas é também uma referência de Angola e para quem fez as grandes aventuras náuticas quer do Atlântico Norte quer da descida para o Atlântico Sul. Era uma inevitabilidade os barcos chegarem e ficarem nas baías (nas Baías de Benguela e de Luanda). Ainda antes da era colonial, aquilo era já um porto de abrigo. A ilha de Luanda era um lugar ancestral de gentes



e famílias; de pescadores, homens que tratavam das redes. Eram famílias com cultura, com uma civilização fortíssima e talvez das mais ricas da região. Porque era naquela zona que se apanhava o célebre zimbo, que era o dinheiro da época e que servia de padrão de compras e de comércio de toda aquela região, ainda não designada Angola. É um espaço sagrado para quem vive a nação angolana. Não só como produto final, resultado de uma era colonial, mas na procura das suas raízes históricas. Por outro lado, a baía é um espaço muito bonito, uma paisagem singular que a torna também mítica para os poetas, para os músicos, namorados... E cabe a esta geração continuar a viver a baía com tudo aquilo que ela potencia.

AF - Numa entrevista sua ao Expresso, em 1996, aludindo ao período em que foi coordenador do Plano Director de 1973, terá dito que "seria preciso construir uma nova capi-

tal para salvaguardar o património histórico". Passará essa salvação pela reestruturação da baía? E até que ponto não será esta afirmação uma contradição?

TR - Não é uma contradição. É uma inevitabilidade. O desenvolvimento angolano precisa de reestruturações e de criar novos centros de vida. São precisas novas cidades. E defender e preservar aquelas que já têm idade para serem cidades históricas, como é o caso de Luanda. Não se pode transformar o país naquilo que era dito na era colonial: que Angola era Luanda; a Butamba a capital e o resto era capim... Hoje o go-verno angolano tem uma perspectiva nacional para desenvolver o país, após o estigma do não desenvolvimento - que foi a guerra. Obviamente que o interior, o interior, é o território mais importante para o progresso, por muitas razões. Angola é um país de muitas e fortíssimas etnias. E muito difer-



"O projecto vai certamente ultrapassar os 600 milhões de dolares "

entes. As pessoas têm o direito a defenderem os seus valores culturais, antropológicos. E é aí que se discute, assim como foi no interior que se discutiu a guerra, o desenvolvimento de Angola. Não é requalificando. É qualificando. É abrindo núcleos de desenvolvimento, universidades, centros industriais, novos centros agrícolas. Mas o que está a acontecer a Luanda? O contrário de tudo isto...

AF - Voltando à Baía de Luanda. Os seus problemas são conhecidos e antigos. Do ponto de vista arquitectónico, em que é que a reestruturação beneficiará a zona?

TR - A depredação humana da baía já vem da fase final da era colonial. E se eu conheço esse problema. Fui o último respon-

sável da era colonial pelo gabinete de urbanização da cidade de Luanda. E depois no arranque da Nação, ao lado do Presidente Agostinho Neto e do ministro das Obras Públicas Manuel Resende, fui também quem assumiu essas responsabilidades. Já havia estratégias de descentralização de Luanda, porque se entendia que Angola era um potencial território de interesse colonial e internacional para o desenvolvimento.

A questão da baía era já um problema muito grave, e havia estudos, para tal, feitos no Laboratório de Engenharia Civil de Lisboa - que tinha acabado de fazer o aterro do Flamengo, os estudos da baía de Copacabana, no Brasil. E apontava-se já

para a necessidade do desassoreamento da Baía de Luanda. Os esgotos da cidade continuam por ali e é também e sobretudo um problema de poluição e congestionamento humano da baixa. Terá de haver uma requalificação para aquilo que poderá ser o seu centro cívico. E para aquilo que poderá ser um centro de negócios. Há que recuperar algum património que faz a memória da cidade, para evitar o que se passou com o Palácio D. Ana Joaquina. Luanda é uma cidade histórica e eu gostaria de a ver classificada um dia, nalguns recantos, como Património Mundial, pela UNESCO.

Isso é possível, só que não é desembarcando aqui diariamente. Acontece que Angola é hoje um país de apetites, até internacionais...

AF - Há até quem considere que o projecto de reestruturação da Baía de Luanda não passa disso mesmo: De ser um insulto ao povo de Luanda e um aperitivo para as elites estrangeiras...

TR - Eu sobre isso quero comentar o seguinte. O projecto já evoluiu. Estão a fazer-se esforços para fazer uma intervenção no tecido social da cidade. E não há dúvida nenhuma de que a marginal tem de ser redesenhada, porque nenhuma baía do Mundo acaba em praias de esgoto, pedras e garrafas partidas. Os passeios ribeirinhos em todo o Mundo estão a ser tratados. E é nesse sentido que vamos.

Eu julgo que essas críticas são desmedidas. Vivemos numa democracia e só acontecerá o que as pessoas deixarem que aconteça. Sabe, há uma crítica parasitária que é a pior de todas. É aquela que é feita das coisas que vão sendo feitas pelos outros.

O grande projecto foi apresentado e deu origem a uma guerrilha, mas por causa de outros assuntos e de outras histórias. Mas não deixa de ser um contributo para chamar a atenção de que a cidade são as pessoas. E quem as deve defender é o governo, tal como o está a fazer, tal como os cidadãos devem defender os seus valores culturais...

"Nenhuma Baía do mundo acaba em praias de esgoto pedras e garrafas partidas"

AF - A evolução do projecto ainda prevê a criação da nova península, um dos aspectos mais visados pelas críticas?

TR - Já não. Está a evoluir num sentido equilibrado. E é um grande projecto de intervenção. É mais uma proposta entre as

muitas que já existiram para aquela zona toda, para Luanda. Já houve projectos interessantes para a Chicala, para o Mussulo,

para a Ilha de Luanda, para a Baía, para a baixa...

Por exemplo, a marginal começou a ter um desenho, estava inacabada já nos anos setenta, pois precisava de uma segunda faixa, das zonas do "calçadão", tal como o Flamengo, no Rio de Janeiro. Foi um processo interrompido. Agora apareceu uma proposta que é legítima como qualquer outra. Tem interesses diversos. E foi acompanhada pelo governo. Levantou problemas de natureza cultural, social, ambiental... E alguns bons aspectos em que as pessoas estão todas de acordo. Outras serão mais discutíveis e que poderão ser atentatórios à cidade. Mas o governo fez o que devia fazer. Pôs o projecto à discussão. O trabalho foi apresentado e submetido à opinião pública. Podia ter passado apenas pelos bastidores, como tanta coisa passa na Europa.

AF - E acha que estamos a falar de 600 milhões de dólares? Ou um projecto desta envergadura poderá elevar, em muito, o investimento inicialmente previsto?

TR - Sim. Penso que vai ser certamente muito mais do que os 600 milhões de dólares. É muito dinheiro, mas a cidade não se tabela. Se fizermos o raciocínio do que se gasta na cidade e do que é preciso para a manter se não fosse a partilha com a cidadania privada, nunca haveria dinheiro. Mas cada um dá o que pode. Até os pobres ajudam. Basta um cidadão apanhar um cigarro do chão ou ajudar uma velhota a passar a passadeira e já está a contribuir. Já é dinheiro. E às vezes isto faz-se com amor. E Luanda tem amor. Como diria Dante na Divina Comédia: "O amor faz mover o sol e as outras estrelas". E hoje o que não falta em Angola é amor...

Jorge Flores